

A CONSTRUÇÃO DO HUMOR PELO CANCELAMENTO DE IMPLICATURAS

Makeli Aldrovandi¹

Resumo: O presente artigo situa-se no campo da Pragmática. Buscou-se explicar a forma como o humor é construído a partir do cancelamento de implicaturas e da quebra das máximas conversacionais. Para tanto, o trabalho foi embasado na Teoria das Implicaturas de Grice (1989) e, conseqüentemente, utilizou-se dos conceitos de Princípio de Cooperação e Máximas Conversacionais do mesmo autor para dar suporte à análise. O trabalho analisou tirinhas publicadas em uma rede social. Como metodologia, foram apontadas as quebras das máximas conversacionais de cada tirinha analisada, a implicatura emergente da quebra e como o cancelamento da possível implicatura faz surgir o humor. Em alguns dos casos, a implicatura é feita pelo leitor, em outros por um dos personagens. Como resultado, pode-se perceber que há, em todas as análises, uma mudança de tipo de implicatura de convencional para conversacional. Essa mudança, que não é prevista pela Teoria, poderia ser considerada a causadora do efeito humorístico das tirinhas, juntamente com a quebra das máximas.

Palavras-chave: Humor; Implicaturas; Pragmática.

Abstract: This article is placed in the field of Pragmatics. It attempted to explain how humour is built from the cancellation of implicatures and the flouting of conversational maxims. Therefore, the work was based on the Theory of Implicatures by Grice (1989), and consequently, we used the concepts of Cooperative Principle and Conversational Maxims, by the same author, to support the analysis. The study analyzed comic strips published in a social network. As for methodology, violation of conversational maxims of each comic strip analyzed and the implicature emerging from the violation were identified, and how the cancellation of a possible implicature provokes humour. In some cases, the implicature is made by the reader, in others, by one of the characters. As a result, one can see that there is, in all analyzes, a change of type of implicature: from conventional one to conversational one. This change, which is not predicted by the theory, might be the cause of the humorous effect of the comic strips, along with the flouting of the maxims.

Keywords: Humour; Implicature; Pragmatics.

Introdução

Grice é considerado por muitos o pai da Pragmática. Esse título se deve a suas inúmeras contribuições conceituais principalmente no que tange o Princípio de Cooperação e suas Máximas Conversacionais. Esses conceitos foram apresentados em seu texto *Logic and Conversation* de 1975. A partir dessas noções, muitos estudos foram desenvolvidos a respeito

¹ Doutoranda em Letras/ Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (ingresso 2015). Mestre em Letras/ Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014), com graduação em Letras (Português, Inglês e respectivas Literaturas) pelo Centro Universitário Univates (2011).

do significado em linguagem natural. Isso porque, segundo o Princípio de Cooperação, todos os enunciadores ao enunciarem estão cooperando no sentido de produzir significados. Isto implica dizer que se algo não esperado foi enunciado, o ouvinte sabe que o enunciador o fez por alguma razão, e aquele, por sua vez, deve conseguir compreender tal razão. Dessa relação entre o significado do dito e do não dito surgiu a noção de *implicatura* também extremamente relevante e que produziu inúmeros frutos no campo da Pragmática.

O presente artigo baseia-se no texto griceano acima citado, buscando os conceitos de Princípio de Cooperação, Máximas Conversacionais e Implicatura e os aplica em quadrinhos de humor. Segundo a Teoria, a violação de tais máximas gera implicaturas. O objetivo do estudo é analisar de que forma a violação das máximas e o cancelamento das implicaturas podem provocar o efeito humorístico nas tirinhas. Além disso, busca-se analisar um fenômeno inicialmente não estudado pela Teoria: a mudança de tipo de implicatura - de convencional para conversacional. Esse fenômeno também será analisado em sua relação com o humor.

O artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentam-se o Princípio de Cooperação e as Máximas Conversacionais. Em seguida, conceitua-se a noção de Implicatura. Logo após, faz-se a análise das tirinhas do personagem Armandinho, do cartunista Alexandre Beck, apontando, em cada tirinha, a Máxima que foi violada, a Implicatura gerada pela quebra, a passagem de implicatura convencional para conversacional, o cancelamento da implicatura e, conseqüentemente, o efeito de humor. Ao final, fazem-se as considerações finais, perpassando o trabalho como um todo.

Fundamentação Teórica

Essa seção abordará os conceitos mais relevantes da teoria griceana para o presente trabalho. Será percorrido um caminho teórico pelos conceitos de Princípio de Cooperação, Máximas Conversacionais, e Implicaturas.

O Princípio de Cooperação e as Máximas Conversacionais

Como dito na introdução deste trabalho, uma das maiores contribuições conceituais de Grice foi a noção do Princípio de cooperação. Em *Logic and Conversation*, Grice (1989:26)

afirma que as trocas conversacionais entre indivíduos não são feitas de comentários isolados, mas de elementos em relação. Essa relação é percebida pelos falantes como um esforço cooperativo em que se reconhece que há um propósito. Isto é, quando conversamos com alguém, temos um objetivo, e os interlocutores aceitam tal fato e se propõem a cooperar para que tal objetivo seja satisfatoriamente atingido. Grice diz:

Nós podemos então formular um esboço de princípio geral que se espera que os participantes observem, a saber: faça sua contribuição conversacional tal qual é requerida, no estágio em que ocorrer, pela direção ou propósito aceitos da troca conversacional em que você está envolvido. Pode-se rotular isso como o Princípio Cooperativo.² (GRICE, 1989, p.26)

Isto é, quando em uma troca conversacional, ambos interlocutores cooperam entre si. Huang (2007:25) define o conceito *princípio cooperativo* como “um princípio subjacente que determina a maneira pela qual a linguagem é usada com máxima eficiência e efetivamente para atingir uma interação racional na comunicação³”.

Dentro do princípio geral, Grice desenvolve quatro categorias mais específicas: as máximas. São elas: Quantidade, Qualidade, Relação e Maneira. Quanto à Máxima de Quantidade, o filósofo diz (1989:26): “Faça da sua contribuição tão informativa quanto é requerido (para os propósitos atuais da troca); Não faça da sua contribuição mais informativa do que o requerido⁴”. Um exemplo de respeito a essa máxima seria a resposta “São sete horas” quando alguém perguntar “Que horas são?”.

Em relação à Máxima de Qualidade, Grice esclarece:

Sob a categoria de Qualidade, recai uma supermáxima: “Tente fazer com sua contribuição seja verdadeira”. E duas mais específicas:

1. Não diga o que você acredita ser falso;
2. Não diga algo para o qual você não tenha evidência adequada. (GRICE, 1989, p. 27)

O que significa dizer que a máxima de qualidade está relacionada com a veracidade do que é dito. Assim, toda mentira é uma quebra da máxima de qualidade.

A Máxima de Relação diz respeito à relevância: trata-se de contribuir com enunciados relevantes à troca conversacional em andamento. Um exemplo de respeito à Máxima de

² Tradução minha

³ Idem

⁴ Ibidem

Relevância estaria, por exemplo, em uma testemunha em juízo dar todas as informações pertinentes e relevantes ao caso investigado.

As três primeiras máximas, segundo Grice (1989:27), correspondem ao que é dito, isto é, o enunciado *per se*. Por sua vez, a Máxima de Maneira trata de *como* se produz o enunciado. A supermáxima de Maneira seria: “Seja claro”, dividida em quatro máximas específicas, a saber: “evite obscuridade de expressão; evite ambiguidade; seja breve (evite prolixidade desnecessária); seja ordenado” (GRICE, 1989: 27). Uma forma de obedecer a essa Máxima seria falar claramente “Fulano faleceu” em vez de dizer “Fulano não está mais entre nós”.

Huang (2001:25) sintetiza o princípio cooperativo e as máximas conversacionais dizendo que eles juntos “asseguram que em uma troca de conversação, a quantidade certa de informação seja proporcionada e que a interação seja conduzida de maneira verdadeira, relevante e compreensível”⁵.

De acordo com o Princípio de Cooperação, os interlocutores sempre cooperam entre si para atingir o objetivo de uma troca conversacional. Sendo assim, quando uma das máximas acima descritas é desobedecida ou violada o outro interlocutor, pelo modelo griceano, entende que a quebra foi proposital e tentará compreender e atribuir um sentido ao que foi dito pelo enunciador. Neste ponto, faz-se relevante explicitar o conceito de *implicatura*, a ser descrito na próxima seção.

Implicatura

Como mencionado acima, ambos interlocutores possuem uma espécie de contrato em sua troca conversacional que os faz acreditar que o que outro enunciador proferir deve ter sentido, e um sentido pertinente à conversação em andamento. É dessa forma que ocorrem as *implicaturas*. Implicatura é o que está por trás, implícito, ou sugerido por um enunciado. Grice introduz o conceito de *implicatura* com o exemplo de uma resposta a uma pergunta sobre como uma pessoa estava se saindo em seu novo emprego, sendo que a resposta seria: “Oh, muito bem, eu acho. Ele gosta de seus colegas e ainda não foi preso⁶” (GRICE, 1989:24). O autor explica que qualquer que fosse a resposta, desde a falta de caráter de seus

⁵ Tradução minha

⁶Idem

colegas, até a tendência da pessoa em questão de tomar atitudes impensadas, ou o que quer que esteja implícito no exemplo, certamente seria diferente do que foi declarado: que o sujeito referido não tenha sido preso.

Grice divide as implicaturas em dois grupos: as convencionais e as não convencionais (ou conversacionais). As convencionais são aquelas em que o significado convencional das palavras ajuda a determinar o que está implicado no enunciado. Um exemplo de implicatura convencional é:

Fulano é trabalhador, contudo é pobre.

O uso do conectivo *contudo* deixa implícito que por ser trabalhador, Fulano não deveria ser pobre. Isso, entretanto, não está dito no enunciado, está implicado no sentido de *contudo*, que indica uma oposição entre os dois segmentos do enunciado.

Por sua vez, as implicaturas conversacionais são aquelas que dependem do contexto da conversa, e não apenas do sentido das palavras em si. Um exemplo de implicatura conversacional seria:

Uma mãe diz ao filho pequeno: Está na hora de você ir para a cama.

E a criança responde: Mas a sua novela ainda não começou.

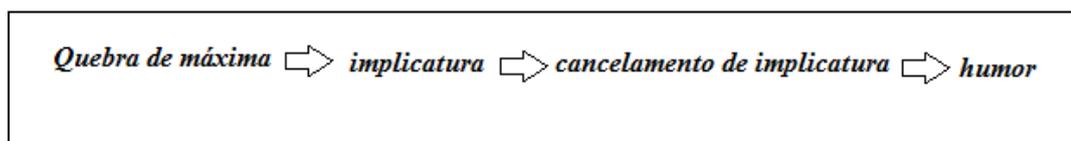
Nesse caso, o fato de a novela ainda não ter começado implica que a hora usual de a criança ir dormir ainda não chegou, uma vez que a hora de dormir da criança parece coincidir com a hora de início da novela da mãe. O enunciado da criança só deixa esse sentido implícito em relação ao enunciado da mãe. Por isso, trata-se de uma implicatura conversacional, que não acontece apenas pelo sentido das palavras do enunciado, mas que leva em consideração o contexto da fala.

Costa (2007:06) resume as características das implicaturas convencionais dizendo que elas estão presas ao sentido convencional das palavras e são reconhecidas pela intuição linguística do interlocutor, sem cálculo lógico. Por sua vez, as implicaturas conversacionais, ainda segundo Costa (2007) devem ser: calculáveis, não-separáveis (do contexto), canceláveis, indetermináveis, não-convencionais, e não determinadas pelo dito. Quanto a ser canceláveis, Costa afirma que o cancelamento pode-se dar pelo desrespeito ao Princípio de Cooperação, ou pelo acréscimo de uma oração adicional.

Independente do tipo de implicatura de que se trata, para Grice os interlocutores seguem um padrão de tentativa de compreensão. Para o filósofo:

Ele disse que *p*; não há nenhuma razão para supor que ele não esteja observando as máximas, ou pelo menos o Princípio Cooperativo, ele não poderia estar fazendo isso a menos que não pensasse que *q*; ele sabe (e sabe que eu sei que ele sabe) que eu posso ver que a suposição que ele pensa que *q* é requerida; ele não fez nada para me impedir de pensar que *q*; ele pretende que eu pense, ou pelo menos está disposto a permitir que eu pense, que *q*; e então ele implicou que *q*. (GRICE, 1989, p. 31)⁷

Dessa forma, se um interlocutor sempre espera que o outro seja cooperativo e esteja observando as máximas, e a quebra de tais máximas prova implicaturas, pode-se acreditar que quando o que é dito pelo primeiro interlocutor for muito diferente do que o segundo interlocutor pensou que estivesse implicado, surge o humor. É a quebra da expectativa de implicatura, ou mesmo do cancelamento de uma implicatura, que surge o humor. Contudo, ressaltamos que uma implicatura tem sua origem na violação de uma das máximas conversacionais. O esquema abaixo pode representar essa relação:



ALDROVANDI, 2015.

O esquema representaria o caminho percorrido pelo interlocutor para compreender um enunciado humorístico: em um diálogo, um dos falantes quebra, ou viola, uma das máximas conversacionais. Dessa violação, o outro falante, considerando que nenhuma máxima é violada sem que haja uma intenção de alteração de sentido, faz uma implicatura a partir daquele enunciado. Porém, uma nova fala do outro interlocutor quebra, ou cancela, a implicatura inicial, dando a entender que o sentido que ele propõe não é o convencional, nem aquele resultante da primeira implicatura: trata-se de um terceiro. Esse caminho resultaria no humor.

Nas próximas seções, serão apresentadas a metodologia utilizada para este estudo e, na seção seguinte, a análise de tirinhas do cartunista Alexandre Beck, em busca da quebra das máximas conversacionais e cancelamento de implicaturas, e como tais fenômenos provocam o humor.

Metodologia

Para este trabalho, selecionamos quatro tirinhas do cartunista Alexandre Beck, cujo personagem principal é um garoto chamado Armandinho. Como metodologia de análise, serão apontadas as quebras das máximas conversacionais de cada tirinha analisada, a implicatura cabível à quebra, e como tal quebra e o cancelamento da possível implicatura provocam o humor. A análise estará centrada nas falas de Armandinho, que acabam, majoritariamente, de uma forma inesperada. As tirinhas foram obtidas na página do cartunista em uma rede social. Às vezes, a implicatura é feita pelo leitor, outras vezes por um dos personagens. Isso será apontado.

Análise

Tirinha 1



facebook.com/tirasarmandinho

Na tirinha 1, há a quebra da Máxima de Maneira. Ao enunciar: *Não tenho muito tempo de vida*, Armandinho está sendo ambíguo. O pai, ao ouvir o enunciado do garoto, faz uma implicatura convencional, baseando-se no sentido comum da expressão: tal expressão é utilizada para indicar que alguém está prestes a morrer. Ele imagina que seja isso que o garoto esteja pensando ao enunciar-se. Porém, Armandinho cancela a implicatura do pai, transformando-a em uma implicatura conversacional, explicando que o pouco tempo de vida que ele tem é tempo vivido, não o tempo a viver. É pelo cancelamento da implicatura do pai que se dá o humor nessa tira. O humor também se deve à diferença de escopos da expressão 'tenho pouco tempo de vida' para adultos e crianças. Um adulto já viveu uma parte considerável de sua vida, o que não lhe permite considerar essa parte como 'pouco tempo'. A criança, por sua vez, viveu uma parte menor do que a que resta viver. Há ainda que se ressaltar a natureza morfossintática da ambiguidade em questão: o verbo *ter*, conjugado no presente do indicativo, pode ser interpretado sob dois aspectos diferentes: o aspecto do

presente que se volta para o passado, ou seja, do passado até hoje, viveu-se pouco; e o aspecto que indica futuro: deste ponto da minha vida em diante, terei pouco tempo para viver. Dessa relação complexa de sentidos, nasce o humor.

Tirinha 2



facebook.com/tirasarmandinho

Na tirinha 2, há a quebra da Máxima de Relação. Como apresentamos na fundamentação teórica deste trabalho, a Máxima de Relação consiste em enunciar somente o que pertence ao contexto da troca conversacional. O menino está apresentando um trabalho em sua escola sobre drogas. Sendo esse o contexto, espera-se que ele fale sobre os tipos de drogas conhecidos. Tendo falado que seu trabalho se trata da droga que mais causa danos à sociedade e a que mais vicia, o interlocutor supõe uma implicatura que leve em conta essa informação. Tratar-se-ia, então, de uma implicatura convencional provocada pelo sentido de *drogas*. Ou seja, o interlocutor busca nos seus conhecimentos prévios diferentes tipos de drogas que poderiam ser pertinentes na fala do garoto. No entanto, a implicatura torna-se conversacional, já que o sentido consensual de *drogas* é alterado. Assim sendo, a implicatura é anulada com a afirmação de Armandinho de que a droga sobre a qual ele falará é o *poder*. O humor, nesta tirinha, tem um tom irônico, já que parte-se do domínio das substâncias ilegais que viciam e chega-se ao domínio das relações de poder, em que *poder* também causa dependência, ou seja, há pessoas viciadas em ter poder. Tanto as drogas, no sentido consensual, quanto o poder, enquanto droga, podem causar danos à sociedade e a pessoas em particular.

Tirinha 3



facebook.com/tirasarmandinho

Nesta tirinha 3, a Máxima que foi quebrada foi novamente a de Relação. Neste caso, o interlocutor que viola a máxima é o pai de Armandinho. Armandinho questiona a violência cometida pelos policiais de Curitiba contra os professores durante um protesto. Em seu enunciado, ele utiliza a palavra *perigosos*. Novamente, é permitido ao leitor, baseado no sentido da palavra, supor uma implicatura convencional quando o pai do garoto afirma que, para alguns, os professores são, de fato, perigosos. Como na tirinha anterior, em que *drogas* leva o leitor a buscar um sentido no domínio das substâncias que viciam, aqui *perigosos* faz com que se busque uma referência no domínio das coisas que causam danos. Assim, seria possível que se gerasse uma implicatura na qual os professores podem causar danos físicos aos policiais, por meio de agressões, e ao patrimônio público, destruindo bens comuns. Contudo, a implicatura convencional acima descrita é cancelada, uma vez que o sentido de *perigosos* é diferente do consensual. Quando o pai de Armandinho enuncia que o perigo dos professores está em eles terem o poder de ensinar o povo a pensar, a implicatura passa a ser conversacional, ou seja, específica para aquele contexto. O humor, em tom irônico, está na relação de poder entre governo, cujos interesses são defendidos pelos policiais, e os professores. A implicatura conversacional passa a ser a de que quem pensa é um perigo para os interesses do governo, já que não se deixaria subjugar por seus desmandos e poderia representar um perigo ao poder que tal governo usufrui no momento.

Tirinha 4



facebook.com/tirasarmandinho

Na tirinha 4, Armandinho supõe uma implicatura inicialmente convencional: quando seu amigo diz que a mãe de Fabinho é *doméstica*, Armandinho vai ao domínio dos seres domésticos, como animais de estimação. Sua implicatura consiste em supor que, sendo doméstica, a mãe de Fabinho seria doce e de fácil trato, como um bichinho de estimação. Porém, isso surpreende o interlocutor de Armandinho, que esperava uma implicatura no domínio dos tipos de emprego existentes na sociedade. Percebe-se, pela implicatura de Armandinho, que para ele, seu interlocutor violou a máxima de Maneira: seu enunciado é ambíguo devido à natureza morfossintática da palavra *doméstica*. O amigo de Armandinho utiliza o termo como um substantivo que se refere ao ofício exercido pela mãe de Fabinho. Armandinho, por sua vez, o compreende como um adjetivo qualificador da maneira de agir da mãe de Fabinho. Aqui, a implicatura convencional do leitor que relaciona *doméstica* a *profissão* é quebrada por Armandinho e transformada em uma implicatura *conversacional*: específica para o contexto. Ao dizer que sua mãe não é doméstica, mas selvagem, Armandinho faz com que o leitor repense sua implicatura inicial e vá, juntamente com ele, ao domínio dos seres domesticados e ao domínio dos seres selvagens. Este último seria o domínio dos seres de difícil trato e que não são doces. Todo esse processo de levantamento de uma implicatura convencional inicial pelo leitor, sua quebra, levantamento de uma implicatura conversacional que dá um novo sentido a *doméstica* por Armandinho, e levantamento de outra implicatura, agora conversacional, pelo leitor é surge o humor.

Considerações finais

O objetivo do presente artigo foi o de explicar a construção do humor a partir da quebra das Máximas Conversacionais de Grice e do cancelamento das implicaturas advindas das violações. Para tanto, apresentaram-se, inicialmente, os conceitos fundamentais de Grice para este trabalho: Princípio de Cooperação, pelo qual os interlocutores obedecem a um contrato implícito de serem cooperativos a fim de concretizarem o objetivo de sua troca conversacional; as Máximas Conversacionais, que são quatro categorias específicas do princípio geral, a saber: Quantidade, Qualidade, Relação e Maneira. Pela Máxima de Quantidade, entende-se fazer do enunciado o tão informativo quanto necessário, não dar informações a mais, nem omitir; Por Qualidade compreende-se enunciar somente aquilo para o qual se tem evidência; Relação diz respeito a enunciar aquilo que pertença ao contexto da troca conversacional. Essas três primeiras, referindo-se ao *dito*. A última máxima, chamada de Maneira, refere-se ao *dizer*, diferente das demais. Maneira trata da forma do dizer, que deve ser clara e objetiva.

Segundo Grice, quando uma das Máximas é violada por um dos interlocutores, o outro supõe que tenha sido um ato proposital, pois ele acredita que ambos estão respeitando o Princípio de Cooperação. Assim, surge uma *implicatura*, que corresponde ao que está implícito, ou sugerido por um enunciado. A implicatura é a compreensão do que está além do dito.

Ao aplicarem-se os conceitos acima citados nas tirinhas do personagem Armandinho, pode-se perceber a violação das máximas conversacionais e como elas geram implicaturas convencionais e conversacionais. Nas análises, algumas implicaturas eram dos personagens envolvidos, outras eram do leitor. Independente de quem fosse o responsável pelas implicaturas, um fato se repetiu em todas as tirinhas analisadas. Todas as implicaturas eram do tipo *convencional*, aquelas que surgem devido ao sentido consensual das palavras. Por serem baseadas no sentido comum das palavras e expressões, e dependerem do conhecimento linguístico do interlocutor, elas não poderiam ser canceladas, conforme diz Costa (2007). Contudo, parte do efeito humorístico das tirinhas está na mudança de tipo de implicatura: de convencional para conversacional. Uma implicatura conversacional é aquela que depende do contexto em que o enunciado está sendo proferido. Tal mudança não é prevista pela Teoria, mas pode ser observada em situações como o exemplo em que Armandinho muda o sentido convencional de *doméstica* (na tirinha 4), consensualmente *a empregada do lar*, para o

mesmo sentido de *domesticada*, ou seja, *dócil* e *de fácil trato em casa*. Outro exemplo em que o sentido comum de uma expressão é mudado pelo garoto está na tirinha 1. Armandinho utiliza a expressão *Não tenho muito tempo de vida* de forma completamente adversa ao senso comum. Comumente, essa expressão é empregada para designar que alguém está prestes a morrer. Essa é a implicatura que o pai do garoto faz. No entanto, para o menino, ela significa que ele nasceu há pouco tempo, ou seja, ele tem pouco tempo *já vivido*, não *por viver*.

Da mesma forma, as palavras *droga* (Tirinha 2), *perigosos* (Tirinha 3) e *doméstica* (Tirinha 4) adquirem um sentido diferente do convencional: um sentido único e dependente da troca conversacional entre as personagens. Poder-se-ia comprovar dessa forma que, embora não prevista pela Teoria das Implicaturas, haveria a passagem de tipo de implicatura de *convencional* para *conversacional* e que, juntamente com a quebra das Máximas Conversacionais, tal mudança e o cancelamento das implicaturas conversacionais provocariam o efeito humorístico nas tirinhas.

Referências

BECK, Alexandre. **Armandinho**. Disponível em <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho?fref=ts>>. Acessos de 29 de abril de 2015 a 20 de junho de 2015.

COSTA, Jorge Campos da. **A teoria inferencial das implicaturas: descrição do modelo clássico de Grice**. Disponível em: <http://www.jcamposc.com.br/textos_disciplinas/ateoriainferencialdasimplicaturas.pdf>. Acesso 20 de junho de 2015

GRICE, Paul. **Logic and Conversation**. In: *Studies in the way of words*. Harvard University Press, 1989.

HUANG, Yan. **Pragmatics**. Oxford University Press: Oxford, 2007.